

METODOLOGIA DAS INCUBADORAS: EPISTEMOLOGIAS POPULARES O INTERVENÇÃO POLÍTICA?

Karina Tomatis, Kelly Pereyra e Paulo Peixoto de Albuquerque

Ao finalizar a Revisa é preciso considerar que cada artigo traz em si uma reflexão, pois por mais pontual e localizada que seja a experiência ou relato, ele provoca desdobramentos e nos remetem a perceber se aquelas práticas (relatos) propõem “epistemologias populares ou intervenções políticas”.

Assim tendo presente que os textos servem como disparador da reflexão podemos, a título de provocação, dizer que: a metodologia das incubadoras são muito mais propostas de intervenção política que outra epistemologia porque:

-Os saberes promovidos pelas ITCP's reproduzem os conhecimentos universitários elaborados pelos pesquisadores. As metodologias propostas pelas incubadoras ao privilegiar o encontro, o diálogo com saberes da comunidade incorpora nas suas práticas uma intencionalidade política.

- A epistemologia proposta pelas ITCP's não rompe com o pensamento empirista anglosaxão e alemão (Círculo de Viena), apesar de não buscar estabelecer critérios de demarcação entre “a ciência e a não-ciência”, não se distancia da visão positivista de propor concepções capazes de dar conta da atividade científica real (contexto da descoberta, mudanças sociais que afetam as transformações de paradigmas científicos etc.).

- Os diversos artigos partem de estudos sobre o conhecimento comum, oriundos da etnometodologia e da sociologia cognitiva, para tentar na sua reflexão incorporar, preocupações, da psicologia (Bachelard, Piaget), da sociologia e da antropologia das ciências (Latour) sem questionar profundamente a autonomia dos saberes produzidos pelas comunidades que estão em dialogo nos projetos de Economia solidária;

- Os artigos evidenciam um certo esfacelamento do campo tradicional da epistemologia (as ciências psicomatemáticas) e sua abertura a diferentes “objetos epistêmicos”, especialmente o estudo dos saberes cotidianos, do senso comum, das relações de gênero por meio dos quais a realidade social e individual é constituída, mas não propõem uma outra epistemologia.

- O conhecimento proposto pelos projetos de ação extensionista das diferentes universidades podem ser considerados objetos epistemológicos, e é nesse âmbito que podem ser considerados como propostas que tem por fim: construir e delimitar um objeto de pesquisa, um compromisso em favor de certas posturas teóricas e metodológicas;

- A noção de noção de “saber” que resulta e esta expressa nos artigos que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes dos conhecimentos universitários (saber, saber-fazer e saber-ser permitem compreender concretamente como nas tarefas as ITCP's e incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam o social;

Os artigos apresentados neste número forjam uma união que revela que “verdade objetiva” é um artifício lógico: a compartimentalização, linearidade, são alguns dos princípios básicos que sustentam os conhecimentos aí construídos. E é nessa perspectiva que continuamos a fazer ciência.

Entretanto, temos presente que neste tipo de lógica social produzir conhecimento muito próximo da máxima de São Tomé

que é a de “ver para crer”, tem reduzido nossa realidade, que é múltipla e complexa, em “pedacinhos”, em “fragmentos”.

A perspectiva técnico/política de pensar a produção de conhecimentos a partir das redes vem problematizar tal prática colocando em discussão as bases sobre as quais construímos nosso conhecimento, propondo sua ampliação e sua complexificação: para além daquilo que pode ser grupado e contado (no sentido de numerado).

Por isso, vai também nos interessar aquilo que é contado (pela voz que diz) pela memória e pela fluidez do cotidiano, o que escapa, o lapso, a história, a fotografia esquecida na gaveta, a incerteza, o improvável, o imponderável...

Ao fim e ao cabo da leitura algo fica: que o reconhecimento do valor do plural [da pluralidade], na construção do conhecimento vale pelo menos tanto quanto a unidade. E o termo metodologia expressa nossa confusão, nossa capacidade para pôr ordem em nossas idéias..

Nesse sentido, Ardoino assinala que a compreensão da realidade se efetiva apelando “a sistemas de referências, a grades de leitura diferentes (psicológicas, psicossociais, sociológicas). [...] O trabalho de análise consiste menos em tentar homogeneizá-las, ao preço de uma redução inevitável, que em procurar articulá-las, se não as conjugar” (Ardoino, 1995, p. 7-8).

Reiterando e chamamos atenção: sob o título de METODOLOGIA DAS INCUBADORAS: EPISTEMOLOGIAS POPULARES O INTERVENÇÃO POLÍTICA os articulista analisam suas práticas de incubação e seus desafios.

Por isso, as metodologias aqui apresentadas, em vez de servir de orientação ou guia, precisam ser entendidas como interfaces de experiências-ação que expressam um discurso alternativo, no qual se sintetiza uma negação da lógica dominante no estado das coisas vigentes em incubação.

Os diferentes artigos devem ser entendidos como experiências que deram certo em determinadas situações, mas não traduzem uma cartografia segura, o que elas insinuam não são “a priori” que condicionam a ação no presente, mas prelúdios, passagens de uma necessidade individual para um possível coletivo que se inscrevem na esperança de uma realidade que se faça cotidiana.

Insistimos, os artigos lançam o pensamento e o leitor numa busca consciente e sistemática de uma metodologia de incubação que aposta muito mais numa postura política do que numa ruptura epistêmica.

Os artigos se evidenciam como um exercício de não escomotamento, dizem com todas as letras: é preciso abrir caminhos para a plena participação nos assuntos públicos graças a uma definição radical dos conceitos fundamentais daquilo que significa a vida em comunidade. Que outra sociedade, mais justa e solidária, não pode ser o resultado de um projeto de alguns, minoria esclarecida que se pretende detentora de uma visão, mas do resultado de um trabalho coletivo e aberto a todos, com mecanismos de participação plural.

A chave para entender a formação metodológica dos diferentes artigos está no seu processo de associar (idéias, experiências e ações) a outro olhar – autogerido, mas não autoreferenciado

Parece-nos que na participação e no encontro de saberes pode ser o movimento singular da Universidade para dar conta da diversidade cultural mais ampla vivenciada pelo coletivo da ITCP’s diante do outro.

Para que essa sociedade participativa seja possível e outra ética solidária possa reger seus comportamentos, é necessário repensar outras modalidades metodológicas para construir o futuro no presente. Apostar na construção de utopias parece ser próprio de grupos democráticos, de atores sociais envolvidos em projetos (não como obra individual), mas de atores que ao acordar em organizar a fantasia geram espaços diferenciados para pensar educação, trabalho e, porque não dizer, um mundo multipolar, independente.

É aí que se encontra a razão de ser dos textos, que parecem bem comportados, mas apenas na sua forma; eles são pura oposição a lógica social hegemônica do capitalismo, seja ele de Estado ou não.

Estas metodologias, embora de caráter introdutório ou resumido, reconta e faz reviver as experiências de um grupo que ao vivenciar um processo coletivo – Incubadoras tecnológicas populares brasileiras – que se transforma continuamente, mas não perdeu a oportunidade, de explorar suas percepções mais significativas.

Também apresenta uma lição metodológica, a de que o método não é algo reificado e fora das relações sociais, separado de quem o escolhe, produz e/ou usa. Desta forma, através das suas opções metodológicas este grupo de Incubadoras (aqui representada pelos artigos) recuperou a consciência teórica de como a mudança faz avançar a consciência da história.

Finalizando, este número da revista do Procoas-AUGM, não é uma revista para qualquer leitor, ela foi feita para um leitor astucioso.

Leitor astucioso é aquele que tem capacidades potenciais que se revelam na leitura. De acordo com certo autor francês, “cada leitor é, quando está lendo, o leitor de si próprio”. Ou seja, um texto, seja ele literário ou não, permite ao leitor discernir tudo aquilo que, sem a leitura dessa obra, ele não teria visto ou percebido em sua própria vida.

93

Por esta razão, passa a ser fundamental buscar outros olhares e novas combinações de conhecimentos que, ao fim e ao cabo, podem fazer a diferença, pois “uma verdade sem interesse pode ser eclipsada por uma falsidade emocionante” (Aldous Huxley)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J.G., (1995). Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus.

ARDOINO, J., (1998c). Abordagem multirreferencial: a epistemologia das ciências antropológicas. Palestra proferida na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 14 out. , (1998a).